

# **“Forte ceticismo epistemológico e profundo derrotismo político”: Um balanço da crítica marxista ao pensamento pós-moderno**

Caio Portella<sup>1</sup>  
João Thimoteo<sup>2</sup>

Decerto seria realmente espantoso se as crenças não fossem objetivas e, neste sentido, verdadeiras. Caso em que, teríamos, de um lado, a objetividade, a realidade lá fora e, de outro, a subjetividade sem contato com ela. Em consequência, nenhuma prática. (Mario Duayer, 2012).

## **Introdução**

O propósito deste ensaio é investigar as principais bases teóricas e políticas da crítica marxista ao chamado pensamento pós-moderno. Mobilizaremos autores marxistas das mais diversas correntes, buscando compreender como a tradição dialética interpelou, tanto política, quanto gnosiologicamente, o pós-modernismo e o seu programa culturalista, relativista e reificador da linguagem. Buscaremos destacar tanto a contribuição vinculada a autores internacionais, quanto aquela produzida pelo marxismo brasileiro, visando, antes de tudo, compreender suas implicações teórico-políticas.

Preliminarmente, é importante fixar que, apoiados na crença do fim da modernidade, o pensamento pós-moderno afirma que as concepções iluministas - erguidas sobre os ideais do progresso, do individualismo e do racionalismo -, e até mesmo, as marxistas - e as noções materialistas sobre a luta de classes e revolução -, foram superadas enquanto “grandes narrativas” de interpretação da realidade. O avanço do pós-modernismo, para as interpretações críticas, trouxe consigo a noção de que teríamos alcançado a morte de todas as antigas verdades, com a perda de relevância das *velhas* ideologias, outrora organizadas a partir dos princípios da racionalidade<sup>3</sup>.

Tentaremos organizar a nossa exposição em duas frentes: na primeira, buscaremos retomar a crítica marxista ao relativismo ontológico pós-moderno, que concebe, como defendia o filósofo francês Jacques Derrida, ser apenas possível “interpretar as interpretações”, e não “interpretar as coisas”<sup>4</sup>. Na segunda parte, examinaremos a crítica marxista ao que poder-se-ia chamar de “política pós-moderna”, buscando compreender como o marxismo vinculou esta modalidade de pensamento a um sentimento de profundo derrotismo político, marcado pela ideia de fragmentação de

---

<sup>1</sup> Graduado em Geografia - UFF

<sup>2</sup> Graduando em História - UFRJ

<sup>3</sup> WOOD, Ellen Meiksins. Em defesa da História: o marxismo e a agenda pós-moderna. *Crítica Marxista*, v.1, n.3, 1996, p. 118-127.

<sup>4</sup> Frase proferida pelo filósofo Jacques Derrida durante uma palestra, em 1956, na universidade de Johns Hopkins. cf. COSTA, Emília Viotti. A dialética invertida: 1960-1990. *Revista Brasileira de História* v.14, n.27. 1994.

identidades e de a-processualidade histórica<sup>5</sup>. Nosso foco, portanto, não é exatamente destrinchar os argumentos de autores pós-modernos tal qual estes aparecem em suas obras, mas, antes, compreender como esta tradição de pensamento foi interpretada e criticada pelo marxismo. Portanto, perderemos em detalhes na exposição sistemática dos argumentos que surgem no interior do pós-modernismo, investigando, prioritariamente, o escrutínio de autores marxistas a esta doutrina.

### O pós-modernismo e a defesa do anti-realismo na ciência

O que comumente chamamos de pensamento pós-moderno surge, *grosso modo*, a partir de três diferentes áreas do saber: a arte, a filosofia e a sociologia<sup>6</sup>, rejeitando os postulados da razão moderna e enunciando o “fim” da possibilidade de busca de qualquer tipo de verdade histórica<sup>7</sup>. Para o marxista Alex Callinicos, as bases desta tradição teórica podem ser encontradas na crítica artística aos pressupostos da arte moderna, na crítica filosófica ao estruturalismo - principalmente a partir de autores influenciados pela obra de Nietzsche e Heidegger, como Gilles Deleuze, Jacques Derrida e Michel Foucault -, e na afirmação sociológica segundo a qual a economia capitalista havia entrado em uma fase pós-industrial, inaugurando um mundo enraizado na informação e na tecnologia, fixo sobre bases distintas - quando não antagônicas - à da organização “fabril” das sociedades do século XIX e XX.

Para o filósofo Jean-François Lyotard - considerado um dos maiores representantes desta nova tradição teórica -, a posição básica do pós-modernismo é a “*incredulidade em relação aos metarrelatos*”, com a perda de função dos grandes objetos e objetivos, assim como dos “*grandes périplos*” - a exemplo da classe operária ou da classe dominante -, inaugurando uma nova fase do conhecimento científico, marcada pelo predomínio de diferentes jogos de linguagem. Segundo o próprio Lyotard:

Ao desuso do dispositivo metanarrativo de legitimação corresponde, sobretudo, a crise da filosofia metafísica e a da instituição universitária que dela dependia. A função narrativa perde seus atores, os grandes heróis, os grandes perigos, os grandes périplos e o grande objetivo [...] Assim, nasce uma sociedade que se baseia menos numa antropologia newtoniana (como o estruturalismo ou a teoria dos sistemas) e mais numa pragmática das partículas de linguagem. Existem muitos jogos de linguagem diferentes; trata-se da heterogeneidade dos elementos.<sup>8</sup>

Para o geógrafo David Harvey, esta afirmação de Lyotard expressa aquele que, em sua opinião, parece ser “*o fato mais espantoso sobre o pós-modernismo*”, qual seja, a sua “*total aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico*”<sup>9</sup>. Para o autor, a ênfase pós-moderna nos “jogos de linguagem” é fruto da crença -

---

<sup>5</sup> WOOD, *op. cit.*

<sup>6</sup> CALLINICOS, Alex. *Contra el Posmodernismo*. Buenos Aires: Ediciones RyR, 2011.

<sup>7</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion. Epistemologia pós-moderna, texto e conhecimento: a visão de um historiador. *Diálogos*, v. 3, n. 1, 1999. p. 1-28.

<sup>8</sup> LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009, p. 16.

<sup>9</sup> HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.

compartilhada pelos autores desta tradição teórica, Lyotard à frente - de que é impossível falar qualquer coisa que seja acerca da solidez e da permanência, sendo preferível enfatizar o profundo sentimento de aceleração do tempo. Para Harvey, o discurso tipicamente pós-moderno é aquele que enfatiza “*o profundo caos da vida moderna e a impossibilidade de lidar com ele com o pensamento racional*”<sup>10</sup>.

O marxista inglês Terry Eagleton, por sua vez, aponta que, por conta das características propositalmente fragmentárias do pós-modernismo, esta tradição buscou desacreditar teoricamente a ideia de *totalidade*, central para o marxismo. Na concepção do autor, uma das marcas principais do pensamento pós-moderno é a recusa a enquadrar seus objetos de estudos em estruturas sociais e políticas mais amplas<sup>11</sup>. O autor brasileiro José Paulo Netto parece trabalhar nas mesmas trilhas, e afirma que, além da aceitação da imediatividade e da recusa da categoria da totalidade, há uma terceira característica central do pós-modernismo: a semiologização da realidade, onde um quase-monopólio é concedido às dimensões simbólicas da vida social, que é praticamente reduzida a pura discursividade<sup>12</sup>. Para Netto, a fragmentação pós-moderna das ciências humanas, dissociando história, cultura, política e economia, marca o auge do processo de decadência ideológica burguesa, iniciado em 1848<sup>13</sup>.

Já para o crítico literário estadunidense Fredric Jameson, o pós-modernismo é a lógica cultural do capitalismo tardio, e, longe de inaugurar uma “nova época” - o que exigiria, insiste o autor, a mudança do sistema social vigente -, é o reflexo de mais uma transformação no interior do próprio capitalismo, marcada pelo advento das novas tecnologias e da organização “pós-fordista” do processo de trabalho<sup>14</sup>. Para Mark Fisher, levar a sério a afirmação de Jameson acerca da relação entre pós-modernismo e capitalismo tardio significa, antes de tudo, argumentar que o “fracasso do futuro”, a derrota das experiências socialistas e a hegemonia neoliberal, é um elemento constitutivo da “*cena cultural pós-moderna*”<sup>15</sup>.

Na concepção marxista, esta perspectiva teórica desembocou em posições abertamente niilistas e de hermenêutica relativista. Para o pós-modernismo, a história aparece como sinônimo de construção ou representação, chegando-se à conclusão de que a ciência não lida com a realidade, que não tem por finalidade a investigação genuína do real<sup>16</sup>. A posição básica do pós-modernismo é a de que o ponto de partida para toda interpretação científica não é a realidade, mas sim o “*real interpretado por*

---

<sup>10</sup> Idem.

<sup>11</sup> EAGLETON, Terry. *The illusions of Postmodernism*. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.

<sup>12</sup> NETTO, José Paulo, Posfácio. IN: COUTINHO, Carlos Nelson. *O estruturalismo e a miséria da razão*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

<sup>13</sup> Idem.

<sup>14</sup> JAMESON, Fredric. *Postmodernism, or, the cultural logic of late capitalism*. Carolina do Norte: Duke University Press, 1991.

<sup>15</sup> FISHER, Mark. *Realismo capitalista*. São Paulo: Autonomia Literária, 2020. É interessante notar que o conceito Fisheriano de “realismo capitalista”, nas palavras do próprio autor, “*pode ser integrado à rubrica do pós-modernismo teorizado por Jameson*”.

<sup>16</sup> DUAYER, Mario. Capital: More human than human (Blade Runner e a barbárie do capital). *Revista Trabalho Necessário*, v. 8, n. 11, 2010.

*sujeitos social e culturalmente situados*”. Alex Callinicos, por exemplo, acusa o pós-modernismo de um excessivo textualismo, e afirma que, embora seja discutível que o conjunto dos autores vinculados a esta tradição neguem a existência “extra discursiva” dos objetos, todos, certamente, duvidam da nossa capacidade de conhecê-los, pois isso implicaria, em suas concepções, a possibilidade de um acesso confiável aos objetos, impossível nos limites da ciência moderna e da razão<sup>17</sup>. Segundo o marxista brasileiro Mario Duayer, esta concepção de ciência traz consigo inúmeras formulações de anti-realismo, a mais importante delas sendo a que defende que a ciência, assim como a arte, é apenas capaz de criar “*ficções que nos ajudam a lidar com o mundo*”<sup>18</sup>.

É frequente que autores marxistas - que reconhecem explicitamente o pressuposto de que a realidade existe independentemente da nossa capacidade de conhecê-la - critiquem a afirmação, comum entre autores pós-modernos, segundo a qual “tudo é texto, tudo é interpretação”, ou seja, que a realidade só existe enquanto descrição, só se constrói enquanto observação subjetiva do objeto estudado, não existente a priori. Para Claus Magno Germer, a forma de pensar do marxismo é diferente, e parte da constatação de que há uma divergência entre a aparência e a essência, entre o sujeito e o objeto, entre concreto sensível e o concreto real.<sup>19</sup> O marxismo parte, portanto, da constatação marxiana que afirma que “*toda a ciência seria supérflua se a forma de manifestação e a essência das coisas coincidissem imediatamente*”<sup>20</sup>.

É importante notar que a tradição dialética, desde Marx, concebe uma diferença fundamental entre mundo e consciência. Nas teses sobre Feuerbach, por exemplo, Marx e Engels defendem a ideia de que não basta interpretar o mundo, é preciso transformá-lo. Muito mais do que qualquer apelo voluntarista ou anti-intelectual, isto quer dizer, conforme defendido por Mario Duayer, que, se tudo que vai pela cabeça é interpretação, “*o mundo posto pelo ser humano é sempre interpretação antes de vir a ser mundo*”<sup>21</sup>. O problema, portanto, de aferir qualquer verdade ao pensamento humano, não é escolástico, mas sim teórico. Recuperando a segunda tese de Marx e Engels, portanto: “*É na prática que o homem tem que demonstrar a verdade, ou seja, a efetividade ou não-efetividade, a terrenalidade de seu pensamento*”<sup>22</sup>.

Isso significa, para as correntes do marxismo brasileiro filiadas ao pensamento de Lukács, que, apesar da consciência ser determinada pelo ser social, a *práxis* humana é capaz de, pela consciência, modificar as condições que a determinam. Em Marx, esta questão aparece a partir do problema da posição de finalidade, do agir teleológico. Marx investiga o papel do sujeito humano, “*a relação entre objetividade e subjetividade, entre*

---

<sup>17</sup> CALLINICOS, *Contra el Posmodernismo. op. cit.*

<sup>18</sup> DUAYER, *op. cit.*, p. 37

<sup>19</sup> GERMER, Claus Magno. O método materialista dialético de Marx e Engels. *Germinal: marxismo e educação em debate*, v. 12, n. 3, 2021.

<sup>20</sup> MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política. Livro III: O processo global da produção capitalista*. São Paulo, Boitempo, 2017, p. 1.061.

<sup>21</sup> DUAYER, Mário. Marx, verdade e discurso. *Revista Perspectiva*, v. 19, n. 1, jan/jun. 2001, p. 25

<sup>22</sup> MARX e ENGELS, Teses sobre Feuerbach [s/d], *apud*. DUAYER, *Marx, verdade e discurso*, op.cit.

*estrutura condicionante e liberdade produtiva, entre imanência e transcendência*”.<sup>23</sup> Há, portanto, uma ligação entre agir intencional, teleologia e conhecimento: para agir, o ser humano precisa visualizar mentalmente - por meio da reflexão - um caminho a ser seguido por suas ações, isto é, precisa projetar um telos a ser alcançado. Lukács é um dos autores que sublinha esta conexão, afirmando que toda a prática social é ontologicamente orientada, isto é, “*dirige-se por necessidade ao ser das coisas*”, não sendo, como na prática animal, apenas epifenomênica, indo além “*do serviço imediato à existência biológica e à reprodução*”.<sup>24</sup>

Esta perspectiva parte de um pressuposto antagônico ao relativismo pós-moderno, e afirma que somente um realismo que contemple a “*profundidade ontológica da realidade*” pode tornar inteligível o conhecimento que temos do mundo<sup>25</sup>. Não acredita, portanto, como o fazem os anti-realistas nas ciências humanas, que todas as versões do real se equivalem<sup>26</sup>, que é impossível chegar a conhecimentos que se pretendam sistêmicos ou globais, que é preciso abandonar os “grandes objetos” em favor da “história em migalhas”.<sup>27</sup>

Entretanto, é importante fixar que as críticas marxistas ao pós-modernismo não buscam, de forma alguma, recuperar o ideal positivista de ciência moderna, que postula ser possível conhecer a realidade *tal como ela é*, equalizando a teoria ao real. Ciro Flamarion Cardoso, importante historiador marxista brasileiro - que, diferente de Mario Duayer, não parte das reflexões Lukacsianas acerca da ontologia do ser social -, é enfático ao afirmar, por exemplo, que o conhecimento é, tão somente, “*uma imagem subjetiva da realidade objetiva, um reflexo do mundo exterior nas formas de atividade e na consciência humana*”<sup>28</sup>. Outro autor tupiniquim, Claus Magno Germer, defende que a teoria ainda é uma representação abstrata do real - que o concreto pensado, apesar de ser mais complexo e sistemático que o concreto sensível, não é capaz de se equiparar ao concreto real -, ainda que, indubitavelmente, ela seja uma “*síntese ou agregação, no pensamento, dos abstratos ou conceitos que representam os elementos essenciais do Cr [Concreto real]*”.<sup>29</sup>

É importante reconhecer, por conseguinte, nas trilhas de Ciro Cardoso, que, quando Marx afirma que o ideal é somente o material transposto e traduzido na cabeça do homem, a “cabeça” em questão não é, de forma alguma, tomada em termos naturalistas. Trata-se, na verdade, “*da cabeça socialmente desenvolvida do homem,*

<sup>23</sup> DUAYER, Marx, verdade e discurso, op.cit., p. 22.

<sup>24</sup> DUAYER, Mario, ESCURRA, María Fernanda e SIQUEIRA, Andrea Vieira. A ontologia de Lukács e a restauração da crítica ontológica em Marx. *Revista Katálysis*, Florianópolis, v. 16, n. 1, jan./jun. 2013. p. 17-25.

<sup>25</sup> DUAYER, Mario. *Capital...*, op.cit.

<sup>26</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion. Crítica de duas questões relativas ao anti-realismo epistemológico. *Diálogos*, Maringá, v. 2, n.2, 1998. p. 47-64.

<sup>27</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion. *Epistemologia...*, op.cit.

<sup>28</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion. O materialismo dialético: ataques, defesas e perspectivas. In: CARDOSO, Ciro Flamarion. *Ensaio Racionalistas: Filosofia, Ciências Naturais e História*. Rio de Janeiro: Campus, 1988. p. 4.

<sup>29</sup> GERMER, Claus Magno, op.cit.

*cujos elementos - sobretudo a língua e as categorias lógicas - são produtos e formas do desenvolvimento social*”, fazendo com que o objeto de estudo, qualquer que seja, só possa ser fixado idealmente a partir do apoio da linguagem, que transforma a “*palavra em prática e, através desta, em coisa*”<sup>30</sup>.

Estes autores, apesar de pertencerem a diferentes correntes do marxismo, parecem concordar com Mario Duayer quando este afirma que, se é verdade que todos os conceitos com que trabalhamos, nas ciências humanas, são socialmente construídos, isto, de forma alguma, autoriza qualquer tipo de postulado que toma o realismo externo do objeto como falso. Segundo esta interpretação não há inconsistência alguma entre, por um lado, a afirmação de que todos nós, necessariamente, precisamos de um vocabulário para descrever, analisar e estudar o real, e, do outro lado, a afirmação de que o real tem existência independente dessas descrições e identificações - ainda que elas sejam imprescindíveis para que possamos conhecê-lo. Trata-se, portanto, do reconhecimento de que todos os conceitos com que trabalhamos nas ciências humanas são socialmente estabelecidos, passíveis de refutação e de problematizações, isto é, *não se confundem com o real*, entretanto, isto nada tem a ver com a existência última desse real, que, ao fim e a cabo, “*é indiferente aos nossos modos de descrição*”<sup>31</sup>.

Todas estas reflexões nos fazem colocar em primeiro plano o problema da *finitude do conhecimento humano X a infinitude do objeto e de suas características*. Para a tradição marxista que defende o realismo do objeto, não há contradição em afirmar que é possível para o ser humano conhecer “*o sistema do mundo na sua conexão total*” e, paralelamente, reconhecer que esta tarefa nunca será cumprida plenamente, e que pode apenas ser resolvida a partir da acumulação de conhecimentos parciais, que se aproximam mais ou menos do objeto real. A crítica ao relativismo pós-moderno, no interior do marxismo, tende, portanto, a defender uma teoria do conhecimento que se admite sócio-historicamente determinada, e que reconhece - sem cair em relativismos anti-realistas - que “*só podemos conhecer de acordo com as condições de nossa época, e até onde estas possam chegar*”<sup>32</sup>.

Buscamos, em primeiro lugar, portanto, apresentar a crítica marxista que, baseada no postulado materialista clássico, afirma que a matéria é algo que precede a consciência, tendo uma existência independente do sujeito que a observa, realizando uma crítica ao relativismo do objeto perpetrada pela teoria do conhecimento pós moderna. Ao mesmo tempo, o materialismo em geral, e o materialismo marxista em particular, declara que é possível explicar os fenômenos humanos e naturais a partir da análise de suas condições concretas, de seu movimento e suas contradições internas, ainda que, obviamente - e não há incoerência nenhuma em dizê-lo - seja impossível, a partir do pensamento, dar conta de todos os aspectos do real.

Esta impossibilidade, que chamaremos, seguindo Mario Duayer, de relativismo epistemológico, é confundida, pelos intelectuais pós-modernos, por um relativismo de tipo ontológico:

---

<sup>30</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion. O materialismo..., *op.cit.* p. 5.

<sup>31</sup> DUAYER, Mário. Marx..., *op.cit.* p. 32.

<sup>32</sup> CARDOSO, O materialismo..., *op. cit.* p. 6.

A relatividade epistêmica refere-se unicamente ao fato, reconhecido por todas as partes envolvidas na polêmica, de que nossos conhecimentos são relativos, porque são sociais, históricos etc. O problema é que as correntes teóricas hoje predominantes deduzem do relativismo epistemológico o relativismo ontológico. Em outros termos, do caráter transitório e relativo de nossos conhecimentos deduzem que eles não podem ser objetivos. Do relativismo epistemológico, portanto, deduzem o antirrealismo, ou a paridade de todas as ontologias.<sup>33</sup>

Para Duayer, portanto, todas as disputas teóricas se resolvem em diferenças ontológicas, ou seja, são absolutamente dependentes das distintas concepções sobre o ser e sobre o mundo em que se baseiam.<sup>34</sup>

### **Pós-modernismo contra a política: culturalismo a-histórico e resistências múltiplas**

Nesta seção, buscaremos organizar as críticas de autores marxistas à concepção política do pós-modernismo, levantando a hipótese de que o político “pós-moderno” está intimamente conectado e influenciado por sua interpretação culturalista e a-histórica dos fenômenos sociais.

O pressuposto marxista segundo o qual a consciência é determinada pelo ser social entra em conflito com o que é denominado, pela tradição dialética, culturalismo pós-moderno<sup>35</sup>, expresso nas posições que afirmam não haver verdade social, mas apenas narrativas, linguagens, práticas culturais e descrições subjetivas das diversas vivências particulares. Segundo Emília Viotti da Costa, importante pesquisadora brasileira, apesar de algumas posições pós-modernas terem realizado críticas importantes a elementos mecanicistas, reducionistas e economicistas que marcavam as ciências humanas na segunda metade do século XX, os seus resultados teóricos acabaram resultando em uma verdadeira “inversão dialética”, onde os elementos culturais, políticos e linguísticos “*deixaram de ser determinados para serem determinantes. A consciência passou a determinar o ser social*”.<sup>36</sup>

Estes posicionamentos desembocaram em posições que, de uma forma ou de outra, levaram ao abandono do conceito de classe social como categoria interpretativa válida para a interpelação do real. Para Perry Anderson, a política pós-moderna abandona uma série de termos caros à tradição marxista, como, por exemplo, “*esquerda e direita, base e superestrutura, produção e reprodução, materialismo e idealismo*”<sup>37</sup>,

<sup>33</sup> DUAYER, Mario. Antirrealismo e absolutas crenças relativas. *Verinotio*, n. 14, Ano VIII, jan. 2012. p. 21.

<sup>34</sup> DUAYER, Mario. Crítica ontológica em Marx. IN: NETTO, José Paulo (org.). *Curso livre Marx-Engels: a criação destruidora*. São Paulo: Boitempo e Carta Maior, 2015.

<sup>35</sup> Cf. WOOD, Ellen Meiksins, *op.cit.*

<sup>36</sup> COSTA, *op. cit.* p. 12

<sup>37</sup> ANDERSON, Perry, *As origens da Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1999.

apenas retomando estes conceitos para afirmá-los inúteis ou perpetuar preconceitos<sup>38</sup>. Mais do que isso, em uma radical guinada relativista, o pensamento pós-moderno levou, segundo Emília Viotti, a um “*total subjetivismo, à negação das possibilidades de conhecimento, e até mesmo ao questionamento dos limites entre história e ficção*”. Em detrimento das categorias de totalidade e processo histórico, este pensamento passou a privilegiar o enfoque dos eventos ditos “acidentais”, “imprevisíveis”, “inesperados”, “espontâneos” ou “irracionais”, negando qualquer possibilidade de sistematizar narrativas internamente coesas acerca dos acontecimentos históricos<sup>39</sup>.

Esta característica específica do pós-modernismo também foi notada por Ellen Wood, que afirma que, apesar de toda a insistência pós-moderna acerca da “especificidade” da nossa época, tendo supostamente, “*exposto a historicidade de todos os valores e ‘conhecimentos’*”, esta tradição teórica continua completamente insensível à história, negando-se a se basear em qualquer concepção que seja de processo histórico. Para a historiadora marxista, o pensamento pós-moderno substituiu o estudo das estruturas e dos fatores causais pelo dos “fragmentos e contingências”, ignorando a existência de sistemas sociais globais que precisam ser analisados a partir da crítica imanente - a partir das suas próprias “leis de movimento” -, o pós-modernismo enxerga apenas “*muitos tipos diferentes de poder, opressão, identidade e ‘discurso’*”, renunciando a qualquer tentativa de reconstruir teoricamente um processo histórico inteligível<sup>40</sup>. Na luta contra as ditas “grandes narrativas”, o pós-modernismo opta por priorizar a empiria ante a teoria, o particular ante o global, o subjetivo ante o objetivo, opta, portanto, por uma “*história das diferenças*”, que ergue-se sobre bases anárquicas, desconexas e, nas palavras de Ellen Wood, verdadeiramente inexplicáveis. Trata-se, portanto, de uma verdadeiramente contradição em termos, já que estamos diante de uma teoria que advoga pela mudança de época histórica, mas que, por sua vez, está baseada na negação da história<sup>41</sup>.

Para Wood, esta percepção culturalista e a-histórica defende a hipótese de que, já que estamos diante de um mundo sem sistemas, é impossível chegar às raízes dos múltiplos poderes que nos oprimem, e que, em decorrência lógica, os agentes políticos são incapazes de erguer programas unificados de oposição global às explorações e opressões que assolam os sujeitos sociais. Mais do que isso, salienta a autora, à diferença da tradição socialista e comunista, os pós-modernos não concebem a possibilidade de uma emancipação humana geral, concebendo, no máximo, “*um conjunto de resistências particulares e separadas*”<sup>42</sup>. Recuperando os argumentos de Emília Viotti da Costa, mas complementando-os, Wood afirma que a rejeição do conhecimento totalizante, faz com que os pós-modernos postulem um tipo de conhecimento que nega a possibilidade de acesso ao real que não pelas vias da cultura e do “discurso”.

Paralelamente, é comum que o pensamento marxista acuse o pós-modernismo de fazer coro ao discurso segundo o qual é “*muito mais fácil imaginar o fim do mundo*

---

<sup>38</sup> Idem.

<sup>39</sup> COSTA, *op. cit.*

<sup>40</sup> WOOD, *op.cit.* p. 122.

<sup>41</sup> Idem

<sup>42</sup> Idem, p. 122

do que uma pequena mudança no sistema político. A vida na terra possivelmente vai acabar, mas o capitalismo de algum modo continuará”.<sup>43</sup> Este é um dos grandes paradoxos do pensamento pós-moderno, basilar para a compreensão de seu caráter esteticamente contestador e politicamente contrarrevolucionário: ao mesmo tempo que afirma o caráter absoluto da ordem do capital - postulando a sua a-historicidade, e a impossibilidade de transgredi-la -, defende a relatividade absoluta do conhecimento, equilibrando com pouca dialética o que Mario Duayer chamou de “*incongruente conjugação de convicção e ceticismo*”<sup>44</sup>. Deste ponto de vista, David Harvey afirma que o pós-modernismo “*faz ecoar ao pessimismo de Max Weber quanto à nossa capacidade de evitar a ‘gaiola de ferro’ da racionalidade burocrático-técnica repressiva*”<sup>45</sup>, e, mais do que isso, é comum que autores vinculados a esta tradição teórica busquem equalizar todas as “teorias sociais globais”, buscando associar todas ao “totalitarismo”. Harvey aponta que, mais de uma vez, autores pós-modernos buscaram interpretar a repressão soviética como o “*desfecho inevitável de uma teoria revolucionária utópica (o marxismo) que recorria às mesmas técnicas e sistemas do conhecimento [...] que buscava substituir*”<sup>46</sup>.

Por conta disso, a política, em termos pós-modernos, perde qualquer tipo de referência aos combates clássicos, realizados pela classe trabalhadora e movimentos socialistas, aos poderes da classe dominante e do Estado burguês. Em seu lugar, o pós-modernismo sustenta a primazia da “política de identidade”, que dá ênfase mais às diferenças do que às semelhanças dos sujeitos sociais oprimidos, na natureza aparentemente fluida e fragmentada dos agentes políticos. Para o marxista Asad Haider, esta política constitui um método individualista de organizar demandas sociais, baseado na reivindicação por reconhecimento. O paradigma da identidade - à diferença das lutas emancipatórias - esconde o fato de que todas as identidades são construídas socialmente, e, ao postular que todas as identidades são diferentes umas das outras, enfraquece a possibilidade de auto-organização coletiva. Em suas palavras, “*reduz a política a quem você é como indivíduo, [...] em vez de ser baseada no seu pertencimento a uma coletividade e na luta coletiva contra uma estrutura social opressora*”, acabando por reforçar as próprias normas sócio-políticas que se propõe a criticar.<sup>47</sup>

A luta política, neste ambiente de radical ofensiva do capital, se torna inócua, incapaz de enfrentar de maneira satisfatória o *establishment*. Ciro Flamarion Cardoso afirma que, preso em uma multidão de lutas parciais, apartadas de uma “visão holística do social”, o pós-modernismo vê-se incapaz de propor alternativas ao mundo em que vivemos<sup>48</sup>. Mesmo as lutas comumente atrativas para os intelectuais pós-modernos, como, por exemplo, as pautas ambientais ou pacifistas, quando separados de um projeto de superação universal do mundo do capital vêm-se fadadas a apenas reproduzir práticas

<sup>43</sup> MEED, The Marx Brother, 2003. *apud*. DUAYER, Antirrealismo..., *op.cit.*

<sup>44</sup> *Idem*, mp. 23.

<sup>45</sup> HARVEY, *op. cit.*

<sup>46</sup> *Idem*.

<sup>47</sup> HAIDER, Asad. *Armadilha da identidade: raça e classe nos dias de hoje*. São Paulo: Veneta, 2019. p. 49-50.

<sup>48</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion. *Crítica... op.cit.*

isoladas, que se mostram incapazes de mobilizar maiorias sociais para a luta política, constituindo uma forma de protesto que Mark Fisher chamou de “*fundo carnavalesco para o realismo capitalista*.”<sup>49</sup>

David Harvey, por sua vez, aponta que, até o momento, as chamadas “*lutas localizadas*”, encorajadas pelo pós-modernos, ainda não tiveram a capacidade de desafiar o capitalismo.<sup>50</sup> Mais do que isso, afirma o geógrafo, a insistência na impossibilidade de uma representação “unificada” e “coerente” do mundo, optando por priorizar “*fragmentos em perpétua mudança*”, leva a tradição pós-moderna a afirmar que, diante de um mundo cognitivamente inacessível, é impossível agir coerentemente. Para o autor, a resposta pós-moderna ao problema da ação política é, basicamente: “*como a representação e a ação coerentes são repressivas ou ilusórias (e, portanto, fadadas a ser autodissolventes e autoderrotantes), sequer deveríamos tentar nos engajar em algum projeto global*”.<sup>51</sup> Terry Eagleton, em síntese, afirma que, para esta tradição, pode até ser que haja algum tipo de sistema total, mas, “*uma vez que nossas ações políticas não conseguem combatê-lo como um todo, o melhor conselho seria então que dançássemos conforme a música e partíssemos para projetos mais modestos porém mais viáveis*.”<sup>52</sup>

A filósofa brasileira Maria Lygia Quartim de Moraes, chega a afirmar que, adotando-se as premissas pós-modernas, somos obrigados a desqualificar as lutas sociais e os projetos de uma sociedade alternativa ao capitalismo, já que, para autora, o pós-modernismo nega “*as possibilidades da autonomia dos sujeitos e reduzem o destino humano ao aprisionamento, seja nas estruturas da linguagem, seja nas micro e macroestruturas da sociedade*”<sup>53</sup>, fazendo com que as teses políticas do pós-modernismo proclamem um misto de conformismo e acomodamento ao status quo. Em síntese, é possível afirmar, a partir das palavras de Perry Anderson, que, para o marxismo, “*o pós-moderno foi uma sentença contra as ilusões alternativas*”<sup>54</sup>.

Diante disso, o marxismo acusa o pós-modernismo de ver-se rapidamente de braços dados com posicionamentos niilistas, completamente afogados no oceano de submissão derrotista. Isto torna-se ainda mais grave quando percebemos que, diferente dos pós-modernos da “geração de 60”, que podiam alegar certo vislumbre pelas possibilidades da chamada “Era de Ouro” do capitalismo, os pós-modernos de hoje parecem ainda trabalhar com a mente voltada para as promessas de “*multiplicidade de padrões de consumo e proliferação de ‘estilos de vida’*” que marcaram a segunda metade do século passado. Revelam, para Ellen Wood, também aqui, o seu profundo a-historicismo, uma vez que ignoram completamente as crises estruturais do capitalismo que, desde aquele momento, “*parecem não ter deixado neles nenhuma impressão*”

---

<sup>49</sup> FISHER, *op. cit.*. p. 18

<sup>50</sup> HARVEY, *op. cit.*

<sup>51</sup> Idem.

<sup>52</sup> EAGLETON, *op. cit.*

<sup>53</sup> MORAES, Maria Lygia Quartim de. Pós-modernismo, marxismo e feminismo. *Revista Margem Esquerda*, São Paulo, v. 2, 2003.

<sup>54</sup> ANDERSON, *op. cit.*

*teórica significativa*”.<sup>55</sup> Já para Perry Anderson, a ascensão do neoliberalismo, a partir da década de 1980, faz com que a afirmação pós-moderna, segundo a qual as “grandes narrativas” desapareceram, perca toda a sua credibilidade, já que, de forma inédita na história, a humanidade parecia estar diante da maior narrativa de todas, que se expressava na “*vitória global do mercado*”<sup>56</sup>.

Recuperando uma instigante expressão cunhada por Carlos Nelson Coutinho em sua análise seminal acerca do estruturalismo, o pós-modernismo nos parece, portanto mais um “sentimento do mundo” do que uma “concepção de mundo”, isto é, preso a uma perspectiva *imediatista*, esta tradição teórica não consegue superar o momento da reação espontânea diante dos processos reais, expressando, mais do que qualquer reflexão consistente acerca da ordem neoliberal - do absoluto do capital - que emerge a partir das décadas de 1970, apenas a sensação de angústia e insegurança da intelectualidade diante de mais uma transformação brusca no interior do Modo de Produção Capitalista<sup>57</sup>.

### Conclusão

Em suma, nossa análise busca organizar e sintetizar algumas das reflexões realizadas pelo marxismo em relação às concepções pós-modernas. Buscamos identificar dois núcleos que fundamentam a crítica - proveniente da tradição dialética - ao pós-modernismo: para correntes importantes do marxismo - dentre os quais se destacam os autores vinculados à obra teórica do marxista húngaro Gyorgy Lukács, mas não só eles, como pode-se observar pela mobilização de trabalhos de autores marxistas brasileiros, como Ciro Flamarion Cardoso e Claus Magno Germer - o pós-modernismo abandona um princípio central que fundamenta a ciência moderna: o realismo do objeto, afundando-se no que João Leonardo Gomes Medeiros chamou de “*tsunami do irracionalismo*”<sup>58</sup>. Do ponto de vista teórico, portanto, é comum que autores marxistas considerem que o pós-modernismo *rebaixa* o papel científico de interpretação da realidade, limitando-se a um empirismo descritivo, incapaz de fazer mais do que “dar voz” aos sujeitos marginalizados, sem inseri-los numa lógica social mais ampla que explique, interprete e critique a natureza da sua exploração e opressão.

Os autores cujas análises buscamos deter, consideram, *grosso modo*, que, apesar de haver uma lacuna que divide a captura, pelo pensamento, do real, do que seria o verdadeiro real concreto, isto não significa que, do ponto de vista metodológico, o cientista social deve rechaçar o princípio ontológico básico que afirma que os objetos têm uma existência que independe da capacidade do intelectual de conhecê-la. Consideram, portanto, que não devemos abandonar a ideia de verdade social, em que há essência socialmente estabelecida - essência, aqui, não pode ser tomada de forma

---

<sup>55</sup> WOOD, *op.cit.* p. 122

<sup>56</sup> ANDERSON, *op. cit.*

<sup>57</sup> COUTINHO, Carlos Nelson. *O estruturalismo e a miséria da razão*. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 62

<sup>58</sup> MEDEIROS, João Leonardo Gomes. A ciência afundada no tsunami irracionalista: as raízes do ataque à razão. *Germinal: marxismo e educação em debate*. v.13, n.1, abr. 2021

metafísica, mas sim historicamente determinada, enquanto um princípio social que orienta, na forma de leis tendenciais, os fenômenos da sociedade -, ou seja, não se deve abandonar o realismo do objeto. De forma semelhante, estes autores incorporam, também, o elemento subjetivo da história em suas reflexões, pois o ser social é orientado por um agir teleológico, ou seja, para além de captar e interpretar a realidade, somando a observação à teoria, é um ser que precisa projetar para agir conscientemente. A ação teleológica reproduz e transforma estruturas socialmente estabelecidas, tornando-se o princípio fundador da práxis humana, que é, simultaneamente, determinante e determinada<sup>59</sup>.

Nas contundentes palavras de Mario Duayer "*seria realmente espantoso se as crenças não fossem objetivas e, neste sentido, verdadeiras. Caso em que, teríamos, de um lado, a objetividade, a realidade lá fora e, de outro, a subjetividade sem contato com ela*"<sup>60</sup>. É necessário, portanto, para a realização de qualquer tipo de prática política contestatória, o estabelecimento de algum tipo de objetividade, de alguma perspectiva acerca do processo histórico que se possa confirmar ou refutar. Afirmar a possibilidade do conhecimento objetivo - e, portanto, verdadeiro, ainda que não seja uma verdade absoluta - significa sustentar a possibilidade de interconexão dialética entre “a realidade lá fora” - a objetividade - e a subjetividade, substrato que sustenta toda forma de prática social.

O procedimento de Marx, portanto, é ontológico, se direciona sempre para o ser, e estabelece como critério de toda a crítica o princípio de que, apesar das ideias terem influência social - e, portanto, conformam práticas -, não há o mundo, de um lado, e as idéias de outro, e, por conseguinte, é sempre a partir do solo da realidade que surgem as condições para a circulação de tal ou qual ideia ou sistema ideológico.<sup>61</sup>.

Dito isso, a perspectiva ontológica afirma que os pós-modernos, ao defenderem que não há verdade, porque não há estrutura (leis ou tendências sociais), orientam a ação para engendrar - ou simplesmente, resgatar - narrativas sobre a(s) realidade(s), elas sendo quais forem, para construir vivências e sentidos a partir da linguagem e da cultura. Provocando uma espécie de determinismo linguístico ou cultural, que se assemelha em certo nível à uma visão niilista, numa existência social sem sentido, porque não é objetiva e compartilhada, sendo, unicamente, discursiva e descritiva.

Nessa lógica, prioriza-se o processo empírico nas pesquisas acadêmicas, responsável por, nas ciências sociais, confundir metodologia por técnica de pesquisa, abandonado a metodologia enquanto união entre pesquisa e teoria - interpretação dos acontecimentos -, para um manejo das formas de expor os discursos recolhidos.

No campo da História, Ellen Wood e Emília Viotti da Costa apontaram que esse empirismo se manifesta na infantil crença de que “*a história inocentemente revela-se a quem quer que se debruce sobre os documentos*”, confundindo pesquisa histórica com

---

<sup>59</sup> MEDEIROS, João Leonardo e BONENTE, Bianca Imbiriba. Marx e a crítica da economia política: considerações metodológicas. IN: MEDEIROS, João Leonardo e BARRETO, Eduardo Sá (orgs.). *Para que leiam O capital: interpretações sobre o Livro I*. São Paulo: Usina Editorial, 2021.

<sup>60</sup> DUAYER, Mario. Antirrealismo..., *op.cit.* p. 19.

<sup>61</sup> MEDEIROS & BONENTE, *op. cit.*

acumulação de dados e processos indutivos que jamais chegam a elaborar qualquer teoria que seja<sup>62</sup>. Da mesma forma, a historiografia pós-moderna, ao passo que ressuscita a história da vida cotidiana, mergulhada em uma “não-processualidade”, resgata também a história memorialista e dos depoimentos, voltando-se em absoluto para o papel do subjetivo, transformando o “ponto de vista do participante” em seu novo lema. Os estudos fundados *exclusivamente* pela “memória” e pelos “depoimentos” estão tomando o lugar ocupado pela história, com a “história oral” acrítica passando a ser seu gênero favorito. As autoras apontam que o pós-modernismo faz parecer que estamos diante de uma concepção de história que se resume a uma “*confusão de subjetividades, uma espécie de torre de babel*”, onde cada um pode contar a sua própria história singular, estabelecer a sua própria verdade, onde o papel do historiador se limita a registrar passivamente as diferentes versões, ou os embates entre diferentes perspectivas.<sup>63</sup>

A partir da ideia de que “o poder está em toda a parte”, a historiografia conseguiu, expandir extraordinariamente as fronteiras da história, ao mesmo tempo que manteve na sombra a capacidade de formular teorias críticas acerca dos novos objetos e novas abordagens estudadas. As diversas micro-histórias, presas em diversos micro-podereses, aparecem para nós como “*peças coloridas de um caleidoscópio quebrado, sem se juntarem, sem se articularem num desenho, não passando de fragmentos de uma experiência sem sentido*”. Lado a lado com a reificação da linguagem, passamos a um processo onde, longe de investigar as raízes profundas das diversas inquietações sociais e políticas do nosso tempo, a nova geração de intelectuais e historiadores apega-se à idéia de que os fenômenos históricos podem ser esteticizados, podem ser criados pelo próprio ato de interpretar. Nas palavras de Emília Viotti da Costa, estamos diante de uma história que se propõe um “beco sem saída”, que desembocam “*numa compilação não crítica e assistemática de detalhes, cuja relevância nunca é questionada, um cemitério de fontes, um repositório de curiosidades*”.<sup>64</sup>

Em paralelo, no campo da Geografia, ao decorrer da virada epistemológica pós-moderna - e, portanto, neoliberal - foi-se, aos poucos, substituindo o conceito de “espaço”, fundamental para uma análise da totalidade da sociedade e das suas relações, pelo conceito de “lugar”, que se restringe à interpretação subjetiva e cultural dos sujeitos sociais em relação afetiva para com o “ambiente”. Perdeu-se a capacidade explicativa de uma ciência crítica, substituindo-a por um conhecimento incapaz de estabelecer qualquer tipo de síntese, preso a categorias estáticas e pouco delimitadas, como, por exemplo: identidade, cultura, corporeidade, entre-lugar, interseccionalidade, entre outros. De acordo com Milton Santos, Ana Fani e David Harvey, autores da Geografia Crítica, fundamentada no materialismo dialético, o conceito de lugar deve deixar de ser

---

<sup>62</sup> COSTA, *op. cit.* p. 13.

<sup>63</sup> *Idem*

<sup>64</sup> *Idem*, p. 22.

visto apenas como o espaço vivido, de tendência fenomenológica, e deve ser considerado uma construção social.<sup>65</sup>

Ellen Wood, que é a principal autora a analisar a tendência politicamente conservadora do pós-modernismo, afirma que sem a existência de uma análise totalizante, que enxerga a estrutura, torna-se impossível chegar às raízes das explorações, descrevendo apenas suas manifestações culturais, as opressões. As opressões, descoladas das suas relações com a exploração, tornam-se exclusivamente produtoras de identidade na luta política - gerando, como consequência, uma fragmentação. Essa luta singularizada impossibilita o enfrentamento massificado e coletivo dos problemas, já que a manifestação objetiva e sistêmica não entra na equação. Entretanto, uma análise marxista não significa desvalorizar a dimensão cultural da experiência humana mas, sem reificá-la, integrá-la, dialeticamente, nas reflexões estruturais - entendendo suas mediações e as formas com que se articulam.<sup>66</sup>

Portanto, o reconhecimento da distinção entre a dimensão do pensamento e a dimensão objetiva, se apresenta como elemento fundamental para interpretar e estruturar a ação política:

No campo da política essa distinção ganha uma complexidade central, pois a ação política coletiva é condicionada tanto pela realidade, que determina material e subjetivamente a vida, quanto é orientada por essa interpretação da realidade, já que as análises, estratégias e projeções se formam a partir dela. Isto significa que reconhecer esse descompasso entre a realidade e a consciência é entender, no campo da política, a luta coletiva em sua totalidade.<sup>67</sup>

A categoria de totalidade, na dialética marxista, tem uma importância fundamental no entendimento da realidade enquanto uma manifestação objetiva de um todo coerente, de correlações entre todos os elementos, produzindo unidades diversas e contraditórias<sup>68</sup>. Essa ideia é central para que o mundo não se reduza a um amontoado incoerente e desarticulado, e é o que permite compreender os elementos em si, já que estão integrados numa lógica mais ampla - formados por essa lógica e, também, formadores dessa lógica. Portanto, a pesquisa e prática marxista está caminhando sempre na direção da compreensão e da captação das redes de relações, que aparecem simultaneamente nessa unidade concreta das contradições.

Para concluir, torna-se irônico, mas também, de extrema importância, perceber que o materialismo histórico é capaz de, a partir da análise da realidade, entender os fundamentos sociais dos vícios e limitações do pós-modernismo. Esta tradição teórica

---

<sup>65</sup> MOREIRA, Erika Vanessa & HESPANHOL, Rosângela Aparecida de Medeiros. O lugar como uma construção social. *Revista Formação*, nº14, volume 2, 2008

<sup>66</sup> WOOD, Ellen Meiksins, *op.cit.*

<sup>67</sup> PORTELLA, Caio Oliveira. *O espaço político do PT: A fábrica, o bairro, o sindicato e o partido*. Niterói, 2022, 64 p. (Graduação em Geografia) - Instituto de Geociência, Universidade Federal Fluminense.

<sup>68</sup> CARVALHO, Edmilson. A totalidade como categoria central na dialética marxista. *Revista Outubro*, nº 15, 1º semestre. 2007.

pode ser vista, portanto, como um *sintoma* dos tempos de fragmentação neoliberal radical, de esgarçamento do tecido social, de reorganização das formas de acumulação de capital, valorização de valor e estruturação do processo de trabalho<sup>69</sup>. É importante, no entanto, notar que Perry Anderson, nas trilhas da reflexão realizada por Fredric Jameson, aponta que uma crítica marxista autêntica ao pós-modernismo não pode limitar-se a acusá-lo ideologicamente, mas, antes, deve incluir uma “*compreensão totalizante do novo capitalismo ilimitado*”,<sup>70</sup> reafirmando que o projeto irrenunciável do marxismo continua sendo a elucidação dos mais variados aspectos do Modo de Produção Capitalista. A cultura pós-moderna é fruto “*de um capitalismo global segmentado, consumista e móvel*”<sup>71</sup>, e, apesar de se reivindicar como novo, resgata diversas das perspectivas idealistas do passado, que reforçam o posicionamento individualista e identitário da sociabilidade capitalista.

Autores que buscam vincular o realismo crítico de Roy Bhaskar com o marxismo afirmam que o pós-modernismo é incapaz de lidar com o princípio dialético da ausência, e, impossibilitado de, a partir de suas próprias bases teóricas, dar uma resposta ao postulado básico do conhecimento, segundo o qual a ciência apenas tem acesso ao que *é*, mas o mundo, o real, consiste de uma série de *não-são*, prefere simplesmente afirmar que o conhecimento é incapaz de chegar a qualquer critério objetivo de verdade. Para o filósofo Hans Ehrbar, no entanto, não houvesse ausência, também não haveria possibilidade de mudança e de liberdade - e, portanto, nenhuma prática e nenhuma capacidade de formulação dialética capaz de buscar as ausências que se escondem por trás das presenças -, apenas estaticidade<sup>72</sup>.

Vemos, portanto, como, mesmo que a partir de uma suposta estética contestatória, o pós-modernismo acaba resultando, nas palavras de Ellen Wood, em um projeto de “*forte ceticismo epistemológico e profundo derrotismo político*”, onde a partir de um radical culturalismo, determinismo linguístico e anti-realismo, erguem-se as bases de um pensamento que, pretendendo-se crítico, acaba por, a um só golpe, corroborar a celebração neoliberal de fim da história - proclamando a derrota de todos os projetos globais de emancipação humana - e retirar das ciências sociais o seu *status* científico, negando a possibilidade de, a partir de teorias metodologicamente orientadas, aproximar-se das bases concretas do mundo real<sup>73</sup>.

Artigo recebido em 30.09.2022

Aprovado em 17.11.2022

---

<sup>69</sup> CALLINICOS, Alex. *op.cit.*

<sup>70</sup> ANDERSON, *op. cit.*.

<sup>71</sup> WOOD, *op.cit.* p. 125.

<sup>72</sup> EHRBAR, Hans G. Marxism and Critical Realism. *Heterodox Economic Students Association*, September. 1998. p. 4.

<sup>73</sup> WOOD, *op.cit.* p. 124.